

a mulher no expresso do oriente

lindsay jayne ashford

Tradução de Fernanda Semedo

Para os meus pais, Janet e Graham Molton, e para o meu irmão, Tim.

Também em memória da minha sogra,

Yvonne Lawrence:

20 de fevereiro de 1936 — 22 de fevereiro de 2016

PRÓLOGO

Agosto de 1963

Ele chega do rio. Introduz-se, sem aviso, no meu jardim. Estou sentada no pequeno jardim de camélias acima do estuário; aguardo o pôr do Sol e observo um par de apanhadores de ostras à beira da água enquanto tento decidir quem vai matar o major Palgrave. O bater das ondas adormece-me, por isso não vejo o barco chegar ao ancoradouro.

— Sra. Christie? — A sombra do homem tomba sobre o meu rosto.

— Quem é? — Abro bruscamente os olhos. Inclino-me para a frente. Com a luz por trás, é difícil distinguir-lhe as feições. Será que o conheço? É alto e magro, com uma melena de cabelo negro. Usa calções de ténis e nas pernas brilham-lhe gotas de água.

Estende a mão e avança para mim. O movimento oculta o baixar do Sol, cujo brilho feérico me encandeia. Enquanto pestanejo para afastar uma névoa de círculos verdes, ele balbucia as sílabas do seu nome. É um nome de há muito tempo. Um nome impregnado do aroma de cigarros turcos e de quentes ventos desérticos.

— Peço desculpa por a abordar desta forma. — A sua voz é gentil, como um médico a transmitir más notícias. — Precisava de a ver. A senhora é a única que pode ajudar-me.

Não digo nada. Ouço os apanhadores de ostras a chamarem-se um ao outro, o doce som aflautado ecoando na água. Ele veio pela história que eu prometera nunca escrever. Um mistério que começou há mais de trinta anos, quando embarquei no Expresso do Oriente com destino a Bagdade.

Ele aproxima-se mais. Tenho de dizer alguma coisa, qualquer coisa que me tire desta situação. Pergunto-lhe se sabe que está a invadir propriedade privada. Depois baixo os olhos para a pequena extensão de relva que nos separa e afirmo que, seja como for, não faço a menor ideia de que fala. As palavras soam pouco convincentes, até para mim própria.

Ele já sabe o suficiente para me ter localizado, para ter corrido o risco de me emboscar no meu próprio jardim. Seria errado contar-lhe? Deve manter-se uma promessa quando o dono do segredo está morto e enterrado?

— Tenho uma fotografia. — Ele procura na mochila pendurada no ombro e entrega-me a prova. Prova A: eu, há três décadas, quando ainda tinha cintura e podia nadar sem vergonha vestindo apenas um corpete de seda cor-de-rosa e dois pares de cuecas. Sorrio sob as frondes de uma árvore de ramos suspensos. Tenho o braço em volta da Katharine, que fita diretamente a objetiva com o mesmo olhar arrojado e enigmático que me lançou no momento em que nos conhecemos. Tínhamo-nos embrulhado em toalhas para cobrir a nossa modéstia, mas os cabelos, colados à cabeça, denunciam o facto de termos acabado de subir as margens do Eufrates, que fica, fora do enquadramento da imagem, à minha esquerda.

Viro a fotografia. Ali, na caligrafia pequenina e meticulosa da Katharine, está a data, dezembro de 1928, e as palavras «Agatha e Eu na Mesopotâmia». Viro-a outra vez e volto a fitar a imagem. Há uma campanha nos meus ouvidos — algo que me acontece agora quando a minha pressão sanguínea sobe de repente — e sinto o meu coração a bater com força.

— Recorda-se? — A voz do homem tem agora um toque de urgência. Receia que a idade me tenha danificado o cérebro. Sem dúvida que o facto de me ter visto a dormir de boca aberta contribuiu para essa ideia. Eu podia facilmente aproveitar-me disso; mandá-lo embora com um punhado de histórias mal cozinhadas das minhas viagens no Médio Oriente. A verdade, porém, é que me lembro dessa tarde de dezembro como se tivesse sido ontem. O choque do que aconteceu nesse dia no deserto ainda permanece, passados tantos anos. E algo nos olhos da Katharine — aquela insolência destemida — incita-me a dizer a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade.

— Quando é que descobriu? — Devolvo-lhe a fotografia.

— Há alguns meses. Escrevi-lhe, mas a senhora não respondeu.

Abano a cabeça.

— Desculpe. Recebo muitas cartas. Tenho uma secretária que...

— Não faz mal. — Ele faz um gesto para mostrar que não tem importância. — Eu compreendo. Mas tinha de falar consigo. Percebe, não é verdade? — Ele hesita. Morde o lábio. — Posso sentar-me?

Respiro fundo. Preciso de tempo para pensar.

— Vamos para dentro, está bem? Um bule de chá e bolo? — Pego na bengala e levanto-me do banco de madeira. Mas ele está outra vez a remexer dentro do saco.

— Tenho outra... mas não tem nada escrito, além do lugar e da data... pensei que talvez a senhora... — Interrompe-se, pestanejando ao entregar-me a fotografia, como se não suportasse vê-la.

Esta está mais gasta pelo tempo do que a anterior. O canto direito foi dobrado e depois endireitado. E o contraste do preto e branco desbotou para tons de sépia. As palavras escritas na margem também desbotaram: Lido de Veneza — abril de 1928.

Um grupo de homens e mulheres: jovens, bronzeados e posando para a fotografia. Estão num semicírculo, tão perto uns dos outros que as pernas e os braços se tocam. A Nancy está ao meio, um pouco mais para a esquerda. O seu cabelo negro e ondulado está meio coberto por uma apertada boina às riscas. Os olhos têm uma expressão intensa, contraditória com o fato casual de férias, calções e blusa de linho. Parece minúscula ao lado do homem musculoso à sua direita, que lhe segura a mão e repousa a outra no ombro de uma sorridente mulher de quimono.

Do outro lado do grupo, à direita, está um homem com um roupão turco estampado e sapatos de praia em lona, com fivelas. Está de perfil, olhando, não para a câmara, mas para os amigos. É tão alto que pode ver por cima das cabeças dos outros. O seu rosto é bonito, mas a expressão da boca e dos olhos tem uma qualidade obsessiva, quase cruel. Pode ser uma ilusão visual, mas parece fitar Nancy.

— Sabe quem são?

Eu podia dizer que não fazia ideia. Não estou na fotografia, e na primavera de 1928 encontrava-me a centenas de quilómetros de distância, em Londres, humilhando-me no tribunal. Fecho os olhos para bloquear a imagem, mas o rosto — aquele rosto — está gravado dentro das minhas pálpebras. Mesmo agora, tantos anos depois, perfura-me como vidro partido.

— Reconhece alguém?

Denunciei-me. Se mentir agora, ele saberá. Mas, se o admitir, terei de lhe contar tudo. Serei capaz?

— Por favor. — Ele pega-me na mão. Sem pressão. O seu toque é tão

gentil quanto a sua voz. — Se houver algo, *seja o que for*, que possa dizer-me. Percebe, agora já não resta ninguém da família. Ninguém que saiba.

Tens de lhe contar.

De quem era esta voz? Não era a da Katharine, nem a da Nancy, mas uma voz de homem: aquela que eu tentara eliminar da minha mente tantos anos antes ao embarcar no Expresso do Oriente.

Havia uma irmã. E, agora, talvez também um irmão. Não o podes privar disso. Pensa no que isso fez à Rosalind.

Oh, que astucioso, usar a minha própria filha para me espicaçar a consciência.

Começo a dirigir-me a casa, indicando ao homem que me siga. Com uma passada longa, ele chega ao meu lado. O seu sorriso poderia derreter o coração de qualquer mulher. Tenho cerca de dez minutos para decidir quanto devo contar-lhe.

CAPÍTULO 1

Outubro de 1928 — Londres, Inglaterra

Podemos ser assombrados por aqueles que ainda não morreram? Nas semanas que se seguiram ao divórcio que pôs fim ao casamento de Agatha e Archie Christie, uma parte fantasmagórica dele parecia segui-la para todo o lado. Sentada numa casa vazia, ela ouvia os passos dele nas escadas. Acordando a meio da noite, sentia o peso do corpo dele na cama. Abrindo o roupeiro, inspirava o cheiro familiar a sabão de barba e cigarros, não obstante as suas roupas terem sido retiradas há muito tempo. Era como se os seus sentidos se tivessem aliado à conspiração que a levaria ao limite.

A viagem no Expresso do Oriente foi uma tentativa de expulsar o fantasma de Archie. Disse a toda a gente, incluindo a si mesma, que eram só umas férias. Mas, pela primeira vez na vida, viajava sozinha para o estrangeiro. Tudo o que fizesse nos dois meses seguintes seria, inteiramente, escolha sua. Descobriria se era capaz. Se suportava estar sozinha.

Agatha sabia o quão afortunada era por dispor do dinheiro — e do tempo — para esta escapadela. Entregara há pouco ao editor a versão final de *O Mistério dos Sete Relógios* e não precisava de permanecer em Inglaterra para começar o seu décimo romance. O plano original era viajar de barco para as Índias Ocidentais e a Jamaica; porém, apenas alguns dias antes da partida, algo a fizera mudar de ideias.

Convidada para um jantar em Mayfair, quase saiu cinco minutos depois de chegar, devido a uma conversa em surdina que não pôde deixar de

ouvir. Enquanto se serviam as bebidas na estufa do anfitrião, uma mulher atrás de um feto gigantesco pronunciou o nome dela. Duas outras vozes femininas intervieram com palavras de incredulidade.

— Sim — sussurrara a primeira. — Não há dúvida de que é *ela*.

— A que simulou a própria morte?

— E que fingiu ter perdido a memória?

Agatha aproximou-se mais do tronco do feto, desejando poder desaparecer.

— Dizem que só o fez para vender mais livros. — Uma pausa, e depois:

— Li num artigo, creio que no *Daily Mail*, que custou milhares aos contribuintes, com todos aqueles polícias em busca dela.

— Tenho pena é do marido.

— Ah, mas dizem que ele tinha uma amante!

— Sempre gostava de saber porque escolheu desaparecer numa cidade no meio de nenhures.

— Não faço ideia. Mas fico parva por ter o descaramento de aparecer em público depois de tamanha embustice!

Agatha só queria fugir da sala, mas havia pessoas por todo o lado. Mantendo a cabeça baixa, o máximo que conseguiu foi chegar ao corredor. Se ao menos conseguisse chegar à porta principal sem esbarrar no anfitrião, podia escapular-se sem que ninguém notasse. Porém, ao atravessar o corredor, foi chamada por alguém que descia as escadas.

— Sra. Christie!

Virou-se e viu um homem alto e de cabelos grisalhos, que não reconheceu, sorrindo-lhe enquanto tirava algo do bolso do casaco.

— Teria a gentileza de me assinar isto?

Agatha lançou-lhe um olhar desconfiado.

— É para a minha mãe. Está acamada, e adora os seus livros. Ficará felicíssima por ter um exemplar autografado.

Tratava-se de *O Segredo de Chimneys*. Enquanto ela abanava a mão para secar a tinta, o homem contou-lhe o quanto, ele próprio, apreciara lê-lo. Antes de perceber como, eram ambos introduzidos na sala de jantar, onde, felizmente, ficou sentada entre ele e o anfitrião.

O homem contou-lhe que era militar e estivera destacado no Iraque. Em breve conversavam acerca das notícias dos jornais, das novas descobertas feitas em Ur por Leonard Woolley e dos tesouros que ali eram desenterrados.

— A arqueologia sempre me fascinou — confessou Agatha. — Invejo-o por viver aí. Adorava visitar Bagdade.

— Oh, tem de ir! — disse ele. — Pode chegar lá no Expresso do Oriente.

As suas palavras tiveram um efeito quase mágico. Ela deu por si a contar-lhe como vira aquele comboio quando era pequena, avistando o distintivo azul e dourado quando a mãe a levava para viver em França, antes da guerra. Vira homens e mulheres a caminharem na plataforma, de rostos extasiados, recebidos por criados imaculados e em sentido do lado de fora de cada carruagem. Vira caixas de ostras reluzindo sobre gelo, grandes pedaços de bacon pendendo de ganchos e carradas de todo o género de frutas a serem levadas para bordo.

E assim, no dia a seguir ao jantar, Agatha fora à agência Cook e cancelara os bilhetes para as Caraíbas. Demorou menos de uma semana a organização dos vistos para a Síria e o Iraque e, no fim de semana, embarcava no comboio que a levaria na primeira parte da viagem, de Londres até Dover.

Charlotte, sua amiga e secretária, veio despedir-se dela. Na sua opinião, era uma grande insensatez que uma mulher viajasse sozinha para o Médio Oriente, mas conhecia Agatha o suficiente para não tentar dissuadi-la. Enquanto se despediam, acautelou a amiga acerca dos homens que, provavelmente, encontraria em Bagdade.

— É bom que sejas prudente — disse-lhe. — Esses teus olhos azuis farão virar cabeças, sabes.

Agatha sorriu perante esta tentativa gentil e desajeitada de a fazer sentir-se melhor consigo mesma. No dia do seu casamento, que parecia ter sido há uma centena de anos, Archie dissera-lhe que os seus olhos eram incríveis, como o céu quando se voa por cima de nuvens de tempestade. Depois da cerimónia, quando saíam da igreja, ele apertara-lhe o braço e dissera:

— Promete-me mais uma coisa, prometes? Promete-me que serás sempre bonita.

Ela lembrava-se de ter rido e de o ter beijado, e depois ter feito uma cruz com o dedo por cima do coração.

— Mas, se eu não fosse, amavas-me na mesma, não amavas? — disse. O sorriso dele desaparecera ao responder.

— Talvez... talvez te amasse. Mas não seria a *mesma* coisa.

De alguma maneira, aquela promessa fora quebrada. Perguntou-se porque teria deixado de ser bonita para ele. Talvez por ter tido um bebé? Por não ter conseguido perder os dois ou três quilos que engordara durante a gravidez? Ou, muito simplesmente, o amor cegara-o, e uma manhã acordara compreendendo que podia ter feito melhor?

— Não te esqueças dos meus chinelos turcos! — gritou Charlotte quando o comboio apitou o último aviso.

Agatha acenou pela janela, o fumo sulfuroso do motor enchendo-lhe as narinas. Para ela, era um cheiro bom. Um cheiro excitante. Era o virar de uma página. Agatha Christie, esposa, estava prestes a tornar-se Mary Miller, aventureira.



O Sol da manhã furava através das cortinas de renda no segundo andar do número seis em Connaught Mansions, sarapintando a pilha de malas de viagem de couro verde em cima da cama de Nancy. Esta retirou duas caixas de chapéus do cimo do roupeiro e adicionou-as à periclitante pilha de bagagem. Depois atravessou o quarto até à janela. No parque, lá em baixo, já havia movimento de pessoas. Duas amas de uniforme, com reluzentes chapéus de palha pretos, empurravam carrinhos de bebé através das folhas douradas e secas acumuladas pelo vento. Um leiteiro num carro puxado por um cavalo gritava algo junto do gradeamento, e uma das mulheres olhou em volta, sorrindo e abanando a cabeça. Algures, no bosque, um cão ladrou e os patos tagarelavam ao sair do lago. À distância, Nancy podia ver o Palácio de Buckingham, com a *Union Jack* a esvoaçar sob uma leve brisa de noroeste. Era uma vista que jamais voltaria a ter.

O quarto parecia desolado, com as malas empilhadas em cima da cama. O toucador estava despojado de tudo o que lhe era familiar: os frascos de perfume em tons de pedras preciosas; a escova de cabelo, pente e espelhinho dourados; os boiões de cristal de pó e creme frio. E a preciosa fotografia que guardara na mala de mão, embrulhada num lenço de pescoço arruinado por buracos de traça. Quando pegara no quadrado de seda estampado com pavões, sentira um aroma a lírios do vale. O lenço pertencera à sua mãe e guardava um vestígio do seu aroma favorito. O cheiro abalara-a profundamente. As lágrimas que tentara conter romperam os diques. Conseguia ouvir a voz da mãe enquanto soluçava para a almofada: *Então, minha querida, uma verdadeira senhora deve ser sempre capaz de se controlar.*

Dentro de um momento desceria para a salinha, onde o homem que estava prestes a abandonar para sempre estaria sentado à mesa, atrás do seu exemplar do *Financial Times*. Ergueria distraidamente o olhar quando ela passasse pela sua cadeira. O jornal só seria posto de lado quando Redfern

lhe trouxesse o pequeno-almoço de ovos escalfados, salsicha, cogumelos e bacon. Enquanto comesse, perguntar-lhe-ia o que tencionava fazer hoje. Nunca ouvia realmente as respostas dela, por isso podia muito provavelmente escapar com a mentira que preparara. Ele sairia para o clube sem qualquer suspeita de que ela estava prestes a embarcar numa viagem que a levaria a meio mundo de distância.

Quando ele estivesse a almoçar, ela já teria embarcado no comboio que a levaria a Dover. Quando ele chegasse a casa, ela estaria já em França. Tirou os bilhetes da malinha de mão. Para os comprar, empenhara o colar e os brincos de diamante que herdara ao fazer 21 anos. Sim, aquilo ia mesmo acontecer. O dia chegara e ela precisava de apanhar aquele comboio. Era a única solução. Esta noite, dormiria num país estrangeiro. E, no final da semana, estaria em Bagdade.

Nancy não fazia ideia de como seria viver num sítio assim. Tudo o que sabia fora extraído de revistas e das cartas da prima. Nem nos seus sonhos mais loucos imaginara estabelecer residência numa cidade no meio do deserto. Porém, para onde mais poderia ir? Quem mais a acolheria?

Deteve o olhar nas duas amas, que agora conversavam sentadas num banco do parque. Inspirando profundamente, virou as costas à janela e voltou a procurar na malinha. A mortalha de seda deslizou para o chão quando ela retirou a fotografia. Ali estava ele. As suas entranhas agitaram-se ao vê-lo.

— Por favor, vem — sussurrou ela. — Por favor, não me obrigues a fazer isto sozinha.



Do outro lado de Londres, uma mulher com madeixas loiras a escaparem do chapéu subia as escadas do Museu Britânico. Levava debaixo do braço um exemplar do *Daily Express*, comprado à pressa a um jornaleiro numa esquina. Ela não tinha o hábito de comprar jornais e, numa situação normal, não teria escolhido aquele. Fora o título garatujado diante da banca que a fizera atravessar a estrada: *Mistério do Suicídio de Recém-Casado*.

Katharine não conseguira olhar para o rapaz enquanto lhe entregava o dinheiro, temendo que a sua fotografia estivesse na primeira página. Assim que ficou fora da vista dele, desdobrou o jornal. A brisa sacudia as páginas, tornando difícil segurá-las. Na parte inferior da página encontrava-se uma fotografia de Bertram com o uniforme do regimento. Depois de apenas

dois parágrafos, a notícia interrompia-se para continuar noutra página. Era impossível lê-la na rua. Tinha de esperar até entrar no museu.

— Bom-dia, Sra. Keeling. — O porteiro concedeu-lhe o cumprimento habitual, as pontas do seu bigode de morsa deslizando num sorriso. Ela acenou com a cabeça e desviou o olhar. Perguntou-se se ele teria visto o jornal. Saberia? Seria tema de conversa dos porteiros durante o chá matinal?

Caminhou de cabeça baixa até chegar ao sítio onde sabia estar livre de olhos curiosos. Na cave do Museu Britânico, na caverna de Aladino dos objetos antigos que aguardavam catalogação, ficava o escritório partilhado pela equipa de escavações na Mesopotâmia. Rezou para que não estivesse lá ninguém àquela hora tão matutina.

Para seu alívio, a sala estava vazia. Afundou-se numa cadeira e abriu o jornal na mesa tosca juncada de cacos de cerâmica e contas de colares enterrados nas areias do deserto durante milhares de anos.

Não havia nenhuma fotografia dela na página interior, apenas outra do seu falecido marido, esta tirada recentemente, no Egito. Estava com um grupo de outros homens, sentados no pátio de um edifício que fora a sua sede de trabalho no Cairo. O seu sorriso golpeou o coração de Katharine, libertando uma maré de culpa: por estar viva quando ele estava morto, por ter transformado o sacramento do matrimónio numa sentença de morte.

Ardiam-lhe os olhos enquanto examinava o texto, estremeçando com o prazer óbvio com que o jornalista reportava a horrível história. Bertram morrera há quase cinco anos, mas o processo legal levava este tempo todo a percorrer o seu curso. Ela fora avisada de que talvez tivesse de prestar declarações na averiguação — algo que a aterrorizava —, mas afinal não precisara de se apresentar pessoalmente. O médico-legista aceitara o seu depoimento escrito sobre o que acontecera.

O veredito fora que o coronel Bertram Keeling atentara contra a própria vida num momento de desequilíbrio mental. A reportagem realçava o facto de ele ter servido o país com distinção durante a Grande Guerra. Eram muitos os homens que tinham regressado do conflito com as mentes destroçadas. Era fácil culpar a guerra — mas essa não fora a verdadeira razão para Bertram disparar contra si próprio. Ela sabia-o e o jornalista, obviamente, desconfiava. O veredito do médico-legista fora uma decepção, pelo que a história fora apimentada com insinuações maliciosas sobre as razões que teriam levado um homem casado apenas há seis meses a atentar contra a própria vida.

Ninguém, nunca, adivinharia a verdade, porque ela era a única pessoa viva que a sabia. O médico — aquele estúpido — também morrera, apenas algumas semanas depois de Bertram, de cólera, ou tifo, ou algo assim. Castigo divino, diriam alguns.

Katharine dobrou o jornal e atirou-o para a lata do lixo no canto da sala. Procurou rapidamente nas prateleiras cheias de livros e tirou três volumes finos que guardou na mala. Dez minutos depois, novamente na rua, desceu rapidamente os degraus e fez sinal a um táxi. Dentro de uma hora estaria no comboio que a levaria para longe dos repórteres metedidos e dos seus leitores lascivos.

No táxi, fechou os olhos e evocou a paisagem de deserto, cuja falta tanto sentia: as vastas e ininterruptas extensões de areia e de límpido céu azul; o aroma das fogueiras e da carne temperada; o sonoro e cadenciado chamamento à oração ao nascer do dia. Por esta altura, dentro de uma semana, estaria lá.

Haveria outros assuntos para tratar primeiro, claro. O casamento em Bagdade. Ao pensar nisso sentiu um estremeção involuntário descer-lhe pela espinha, como se alguém tivesse caminhado sobre a sua campa.

Quando Bertram morrera, ela nunca imaginara arranjar outro marido. Mas os patrocinadores moralistas da escavação não lhe tinham deixado escolha. Casar-se era a única forma de permitirem que continuasse a trabalhar num campo cheio de homens.

Ela aceitara a proposta do arqueólogo com uma condição essencial: que a união nunca fosse consumada. Para sua surpresa, ele concordara após uma breve hesitação. Sem dúvida, pensara que a faria mudar de ideias quando se tornassem marido e mulher.

Pobre tolo. Ouvia a voz de Bertram tão claramente como se ele estivesse sentado ao seu lado. Se ao menos ela tivesse sabido. Se ao menos tivesse ido a um médico antes da noite de núpcias...

— Vai para algum sítio agradável, menina? — O taxista interrompeu-lhe os pensamentos.

— Para o Médio Oriente — respondeu ela. — Mesopotâmia.

— Caramba... pode-se ir assim tão longe a partir de Victoria?

— Claro que sim. Sai-se do comboio em Dover e apanha-se o Expresso do Oriente em Calais. O caminho de ferro vai até Damasco. Aí apanha-se a camioneta que atravessa o deserto até Bagdade.

— Quanto tempo leva?

— Apenas cinco dias.

Cinco dias e cinco noites. Quantas horas acordada? Menos de cem. Não lhe restava muito tempo para decidir como manteria este novo marido fora da sua cama.

CAPÍTULO 2

De Londres a Paris

Na primeira noite a bordo do Expresso do Oriente, Agatha não se aventurou para longe da cabine. Nunca se dera bem em barcos e estava debilitada pelo enjoo depois da travessia do Canal da Mancha. A excitação de embarcar no comboio dera lugar a um intenso alívio quando subiu por uma escada atapetada e se meteu entre lençóis de damasco, sabendo que não haveria mais viagens por mar até chegar a Istambul.

O criado dissera-lhe que teria a cabine só para ela até Belgrado, por isso ela ficara na sua carruagem-cama sem puxar o estore, observando a paisagem a escurecer enquanto o comboio rolava pelos campos da Normandia. Passaram pelos dedos negros de árvores recentemente despojadas das suas maçãs, por silhuetas de cavalos sobressaltados pelo rugir da locomotiva. Parecia tudo tão tranquilo, tão intocado pelo tempo. Era difícil de acreditar que uma década antes aquele lugar fora devastado por uma guerra.

Pensou em Archie, sobrevoando aqueles campos no seu biplano *Cody*. Um dos poucos pilotos qualificados da Grã-Bretanha quando a guerra eclodira, tivera sorte em sobreviver. Escrevera-lhe de França antes de casarem, perguntando se a preocupava que ele voasse. Ela lera nas entrelinhas — percebera que o que ele desejava, de facto, era que ela o reconfortasse em relação ao perigo do que fazia. Ela enviara-lhe violetas e um São Cristóvão com a carta de resposta. Dissera-lhe que não se sentia minimamente

preocupada, porque já o vira no ar e sabia o quanto era competente. Teve o cuidado de evitar qualquer referência ao que dominava a sua vida em Inglaterra, aos corpos despedaçados dos homens e rapazes de que cuidava todos os dias no hospital em Torquay.

É um trabalho sujo, o de enfermeira. Odeio pensar em ti a fazê-lo.

Archie escrevera-lhe estas palavras antes da sua primeira licença. E, como ele não podia suportá-lo, ela não voltou a falar-lhe do seu trabalho. As suas cartas tornaram-se sonhos da vida em casa, da vida que teriam quando a guerra terminasse.

O casamento aconteceu à pressa, na véspera de Natal de 1914. Estavam em casa da mãe dele e, depois de lhe dizer na noite anterior que era um grande erro casarem em plena guerra, Archie entrara no quarto dela às oito horas da manhã seguinte para anunciar que mudara de ideias: deviam fazê-lo quanto antes. Ele só tinha 48 horas de licença, por isso não houvera tempo para comprar um vestido, escolher flores ou mesmo fazer um bolo. Agatha casara-se com o saia-casaco que levava à entrevista para o trabalho no hospital. A testemunha fora uma amiga que passava casualmente diante da igreja depois de terem localizado o vigário e lhe terem pagado oito libras para que acedesse ao seu pedido desesperado. E depois, após uma única noite de lua de mel, Archie voltara para França.

Agatha fechou os olhos, convocando imagens para substituírem a memória do corpo dele, duro e magro, afundando-se na sua carne branca e macia. Viajou para trás no tempo, para um lugar na sua cabeça onde era sempre verão, nunca inverno, a praia no sopé do penhasco em Devon onde ela passara intermináveis dias sem cuidados, pescando caranguejos em poças no meio das rochas e banqueteadando-se com sandes de ovo cozido e pasta de peixe.

Após algum tempo, adormeceu. Acordou porque o comboio tinha parado. Onde estariam? Paris? Ou mais à frente? Dijon? Lausanne? Agatha ergueu-se sobre os cotovelos e espreitou através do vidro.

Avistou a figura de um homem na plataforma envolta em fumo e iluminada pelo luar. Havia nele algo de horrivelmente familiar. As maçãs do rosto altas e os olhos com brilho de diamante. Não podia ser... ou podia? Ela pestanejou, inclinando o pescoço. Há meses que não o via mas, fosse pelo que fosse, Archie estava ali agora, do outro lado da janela. Era como se, depois de a seguir através do mar, a tivesse perdido algures junto de Calais para, com uma velocidade sobrenatural, ultrapassar o comboio.

Ele olhava, não para ela, mas para algo mais distante, na plataforma. Tinha um ar de impaciência. Os seus lábios tremeram, depois separaram-se, como se estivesse a falar, embora ela não visse ninguém tão perto que pudesse ouvi-lo. De repente, ouviu a voz dele dentro da sua cabeça.

Com que então, vais fugir? Talvez faças as coisas melhor desta vez...

Agatha fechou os olhos com força, dizendo a si mesma que não era ele: não podia ser. Ele estava em Inglaterra, metido na cama. Provavelmente, sonhando com *ela*, com o que faria dentro de alguns dias, depois do casamento.

Quando parou de se torturar e abriu os olhos, ele desaparecera. Disse a si mesma que a sua imaginação estava a fazer horas extraordinárias. Quando o comboio reiniciou a marcha, recostou-se de novo na almofada, obrigando-se a inspirar e expirar enquanto contava lentamente até quatro. Cada inspiração levava-lhe o aroma reconfortante de roupa de cama acabada de lavar. Fez uma lista mental de todos os mimos que o comboio lhe reservava: a comida, a música, os lugares que veria. Alguma coisa no facto de se encontrar num comboio fazia-a sentir-se muito segura. Não estava verdadeiramente sozinha — bastava tocar a campainha para um criado aparecer.

Agatha pensou no sítio para onde se dirigia, e o seu estômago deu uma volta involuntária. Seria mesmo capaz de o fazer? Conseguiria mesmo ir tão longe sozinha? Sim, sussurrou, claro que és capaz: tens 38 anos e não vais para a Lua, só para Bagdade. A palavra provocava-lhe a mesma sensação que um arrepio. Naquele jantar em Londres, fora um arrepio de excitação; agora, porém, continha um toque de medo. Sabia pouquíssimo acerca do lugar. Estivera no Egito uma vez, com a mãe, e imaginava que seria algo do género. Aos 18 anos, desperdiçara o seu tempo ali, muito mais interessada em homens e bailes do que em pirâmides e túmulos.

Tinha havido um homem — um coronel muito gentil e bastante bonito, muito mais velho do que ela — que pedira a sua mão em casamento à mãe durante a viagem de barco de regresso a Inglaterra. Ficara danada quando a mãe lhe dissera, sentindo-se enganada, pois achava que o pedido devia ter sido dirigido a *ela*. Quando tomou conhecimento dele, iam de regresso a Devon. Agora, o rosto dele flutuava na semiobscuridade da carruagem-cama. Se tivesse casado com ele em vez de...

Parou de pensar para se concentrar no ritmo do motor e no som das

rodas sobre os carris. E rezou para que, quando adormecesse, sonhasse com tudo menos com Archie.



Nancy foi da janela para a porta e novamente para a janela, andando pela exígua cabine compartimento como um animal enjaulado. A partir do momento em que o comboio parara na Gare de Lyon, em Paris, ela encostara a cara ao vidro, desesperada por o ver. Mas havia demasiada escuridão e fumo para ver bem. Havia magotes de pessoas ao longo da plataforma, alguns à espera, outros prestes a embarcar. Apetecia-lhe saltar do comboio e correr pelo meio deles, ansiosa por ver o rosto dele. Mas isso seria um grande risco. Ela podia não o ver — ou, pior, o comboio podia partir sem ela, quando ele já tivesse subido.

Até agora, sempre que o comboio parara, ela desejava que ele aparecesse. Na estação de Victoria, enquanto os outros passageiros se despediam carinhosamente dos seus amados, ela permanecera sozinha na plataforma até o guarda praticamente a enxotar pelos degraus acima, com as sobrancelhas erguidas e uma expressão de piedade.

Depois ele não aparecera em Dover e ela andara pelos conveses durante toda a travessia, não fosse ele ter entrado no último instante, quando o barco estava prestes a zarpar.

Em Calais, onde o Expresso do Oriente aguardava, foi impedida de se demorar na gare pelo muito atencioso criado, que insistiu em lhe mostrar onde ficava tudo, como funcionavam todas as coisas na cabine e em fazê-la ler a lista de ceias disponíveis para essa noite. Noutras circunstâncias, sem dúvida que ela teria achado tudo empolgante — mas estava demasiado perturbada para absorver o que lhe mostravam. Quando o homem terminou, o comboio já saía da estação.

— A sua companheira de viagem — perguntou o criado no seu suave sotaque estrangeiro — irá juntar-se a si em Paris?

— Er... sim. Em... hum... Paris.

Era embaraçoso para Nancy ser confrontada com a mentira que contara. Pagara preço duplo pelos bilhetes, reservando na totalidade uma cabine de segunda classe, na esperança de que ele viesse. Apenas passageiros do mesmo sexo tinham permissão para partilhar as cabines, por isso ela informara o empregado da Cook que a sua companheira de viagem era a menina Muriel Harper.

Sentiu um rubor espalhar-se do pescoço para a cara enquanto o criado lhe sorria. Suspeitava que ele percebia a mentira. Sabia que era um amante, não uma amiga, quem a deixara pendurada.

Pobre menina rica. Quase o ouvia pensar isto.

Paris era a sua última esperança. Havia uma vaga hipótese de que ele chegasse ali antes dela, planeando entrar no comboio quando estivesse escuro, para não ser visto pelo criado.

Viu as horas. Partiriam em menos de cinco minutos. Ouviu uma porta bater. Passos no corredor, lá fora. Uma voz de mulher, falando francês. Nancy afundou-se na cama, com a boca tão seca que mal conseguia engolir. Quando pegava no jarro da água, ouviu um estalido baixo. Virou a cabeça e viu o puxador da porta girar para cima e para baixo. Com uma passada, ela estava à porta.

— Oh, querido! — Caiu nos braços dele, com as lágrimas a picarem-lhe os olhos.

— É melhor deixares-me entrar. — Os lábios dele roçaram-lhe a bochecha quando a segurou pelos ombros, chegando-a para o lado, e atravessou a ombreira da porta.

— Onde está a tua bagagem?

Ele não a olhava. Sentou-se pesadamente na cama, com os olhos fixos no chão.

— Não posso ficar — disse ele. — Tenho de sair de manhã.

— Mas...

— Não perguntes, Nancy, pelo menos, para já. Vamos aproveitar o melhor possível esta noite juntos. Tranca a porta e vem abraçar-me, vens? — Ele estendeu os braços e o corpo dela fundiu-se no seu.

Mais tarde, enquanto ela estava deitada no estreito beliche no escuro, inspirando o aroma da pele húmida dele, ouviu o criado bater suavemente à porta. Gritou-lhe que não queria nada. As palavras troçavam dela. A coisa que ela mais queria no mundo estava deitada ao seu lado, mas partiria dentro de algumas preciosas horas.

Ouviu os passos do criado recuarem no corredor e procurou o corpo quente ao seu lado. Mas o encantamento acabara. Ele sentou-se na cama. Um fósforo brilhou e ele acendeu um cigarro. Agora ia dizer-lhe o que ela temia ouvir.

— Tinha de vir, Nancy; não podia deixar-te à espera. — Chupou profundamente o cigarro, soprando uma pluma de fumo que flutuou para a cara dela. — Mas é um momento difícil. Tu percebes, não é verdade?

Ao ouvir estas palavras, ela sentiu uma bolha histérica de riso er-
guer-se-lhe do estômago. Difícil? Que teria ele de enfrentar que fosse mais
difícil do que o que *ela* enfrentava? Mas não emitiu qualquer ruído. Não
disse nada. Aguardou que ele lhe explicasse, se pudesse.

— Acho que ela desconfia — disse ele. — Tenho medo que vá aos jor-
nais, se tiver a certeza. Pensa no que isso significaria para nós.

— Mas não teria importância, pois não? Se já estivéssemos em
Bagdade. — Nancy não conseguia ver a expressão dele. A única luz era o
brilho vermelho do cigarro.

Ele soltou uma gargalhada que era mais um resmungo. Quase um
grunhido.

— Bagdade? Que raio faríamos nós em Bagdade?

— Eu... Não sei. Só... — Ela vacilou. — Só viver, suponho. Nós ama-
mo-nos, não amamos? Isso não é suficiente?

O silêncio dele disse-lhe o que ela mais temia. Teve vontade de lhe con-
tar tudo. Oh, Deus, como ela ansiava por revelar o segredo. Mas não podia.
Não o faria. A não ser que ele fosse de livre vontade, porque a queria, as coi-
sas nunca resultariam. Ela tinha bom senso suficiente para o compreender.
E, apesar de tudo o que acontecera nos últimos meses, ainda tinha algum
orgulho. Não recorreria à chantagem emocional.

— Sabes o quanto gosto de ti — sussurrou ele. — Achas que me teria
arriscado a vir aqui se não gostasse? — Inclinou-se sobre a ponta do ci-
garro, acariciando-lhe a cabeça com a cara enquanto mudava o peso para
a outra perna. — Basta que consigas ficar lá discretamente durante alguns
meses... — Acariciava-lhe o pescoço com a bochecha, provocando-lhe ar-
repios deliciosos no corpo. — Vamos ficar juntos, juro.

Nancy fechou os olhos enquanto ele deslizava o corpo pelo dela. Queria
tanto acreditar nele.

CAPÍTULO 3

De Lausanne a Milão

Na manhã seguinte, Agatha acordou muito entusiasmada, vislumbrando os Alpes pela janela. A neve nos picos refletia o sol nascente, cobertores de coral e cor-de-rosa desenhados contra um céu perfeito.

Vestiu-se rapidamente: o casaco *Sonia Delaunay* com arrojadas riscas outonais sobre a camisa de seda cor de camelo e saia de lã a condizer. Quando foi pôr batom, o reflexo no espelinho sobre a bacia apanhou-a de surpresa. A tinta vermelha no seu cabelo era bastante vistosa sob o brilho do Sol. A cabeleireira avisara-a acerca do efeito provável. *A senhora é uma loira natural, por isso a cor vai ficar muito diferente.*

Sorriu ao seu estranho eu e pegou nos óculos que completavam o disfarce. As etiquetas que espreitavam da prateleira da bagagem por cima da sua cabeça confirmavam a nova identidade: Sra. M. Miller de Greystone House, Drewsteignton, Exeter.

Abriu a porta da cabine e deteve-se por um momento, paralisada pela ideia de entrar na carruagem-restaurante. Todas aquelas caras. E se fosse reconhecida?

Mas o seu estômago veio resgatá-la. O cheiro a torradas quentes com manteiga, bacon e café flutuou pelo corredor quando, algures, uma porta se abriu. *Não há nada como um bom pequeno-almoço para acalmar os nervos*, dizia sempre o pai dela. As suas entranhas rugiram numa antecipação feliz enquanto seguia o seu olfato.

O chefe de sala sentou-a de costas para a locomotiva e perguntou-lhe se preferia chá indiano ou chinês. Foi buscá-lo enquanto ela analisava a ementa: ovos Benedict, *kedgeree* ou panquecas com xarope de bordo? Uma indecisão deliciosa. No momento em que ele voltou com um bule de *Darjeeling*, ela já se decidira.

O jornal, cuidadosamente engomado, estava ao lado dos talheres de prata que brilhavam, refletindo o Sol. Ela desdobrou-o, estendendo a mão para o chá. Ao erguer a chávena de porcelana com monograma até aos lábios, avistou uma rapariga na mesa em frente.

Não tinha mais de 25 anos, calculou Agatha. Cabelos negros e ondulados, feições delicadas, roupas de bom corte e apumadas, e apenas um pouco de maquilhagem. Ao olhá-la, Agatha teve uma estranha sensação de *déjà vu*. Sabia que já a tinha visto algures, mas não se lembrava onde. Felizmente, a rapariga não estava a olhar para cima. Isso deu a Agatha uma oportunidade de se esconder atrás das páginas do jornal. Mas, quando o abriu, viu alguma coisa cair em cima da torrada no prato da rapariga.

Ela estava a chorar.

Agatha observou-a enquanto as lágrimas caíam numa corrente regular. A rapariga não emitia qualquer som e não fez qualquer tentativa de limpar a cara, como se estivesse paralisada pela dor. Agatha pegou na chávena e voltou a pousá-la, dedilhando furiosamente a asa. Devia fingir que não reparara? Seria essa a atitude correta? Não, decidiu. Tinha de ir ter com ela.

Porém, nesse momento, a rapariga olhou para cima. Não para Agatha, mas para algo do outro lado da carruagem. Moveu ligeiramente a mão. Era a sombra muito vaga de um aceno, como se receasse estar a ser observada.

Naturalmente, seria indelicado Agatha virar a cabeça para ver a quem ela acenava. Um estranho jogo de luz, contudo, revelou-lhe quem a rapariga tinha visto. Agatha pestanejou quando um raio de Sol fez deslizar um reflexo através da janela: uma cara emoldurada pela ombreira da porta da carruagem-restaurante.

A cara *dele*.

Não era um fantasma; ela não sonhara com ele. Ele estava ali, no Expresso do Oriente.

A mão de Agatha começou a tremer, a chávena tilintando no pires. Mas o som foi abafado pelo súbito chiar dos freios. O comboio começou a abrandar. De repente, viam-se casas de madeira com janelas emolduradas pela geada, carros puxados por pessoas com chapéus de pelo e caras chupadas e pálidas.